

O Memorial Serra da Mesa e a cidade de Uruaçu (GO) (1940 – 2000)

Josiane das Graças Adorno¹

O Memorial Serra da Mesa, situado na cidade de Uruaçu-Go (Norte de Goiás), é o objeto de indagação desta intervenção. Propomos nesta comunicação uma reflexão sobre o seu sentido institucional e cultural para a região em que está sediado, entendendo-o como uma instituição relacionada com a história do lugar (a cidade de Uruaçu, o Lago Serra da Mesa) e como espaço de memória do lugar que as águas do Lago Serra da Mesa sepultaram em definitivo. Esta comunicação é resultado da nossa monografia de conclusão do curso de História (Universidade Estadual de Goiás – campus de Uruaçu).

Na pesquisa que realizamos, observamos que a ligação geral do Memorial é com o cerrado com a construção da Usina Hidrelétrica Serra da Mesa e com os lugares que o Lago Serra da Mesa deixou para sempre submersos (36.000 hectares do cerrado e/ou 1784 km² do cerrado). Contudo, a relação imediata do Memorial é com a cidade de Uruaçu, nesse sentido, entendemos que a história de Uruaçu justifica a necessidade do Memorial e esse é o principal aspecto a ser tratado no primeiro capítulo desta monografia.

No transcorrer da pesquisa foi-nos importante indagar as seguintes questões: a) – o Memorial como um projeto de preservação da memória, daquilo que está submerso, é resultado de um investimento que se relaciona diretamente ao projeto político-econômico da cidade e com sua própria história? ; b) – qual é o sentido do Memorial hoje, do ponto de vista da coordenação atual – Sinvaline Pinheiro – que participa desde a origem da gestão desse empreendimento? Diante destas indagações (o “resultado” e o “sentido” institucional do Memorial) é que levantamos nesta pesquisa algumas hipóteses e dedicamos a elas os dois capítulos que se seguem.

A primeira hipótese apresentou-se assim justificada: o Memorial como uma conseqüência histórica do projeto de desenvolvimento político-econômico da cidade de Uruaçu ao longo do período da década de 1940/50 até ao presente momento. Ou ainda, o Memorial vinculado diretamente às necessidades de desenvolvimento político-

¹ Especialista em Educação pela PUC/GO e Graduada em História pela UEG/Uruaçu.

econômico da cidade frente ao advento da Hidrelétrica e à formação do Lago Serra da Mesa.

Apresentaremos nossa perspectiva e argumentos contrastando com uma das principais afirmações apresentadas no trabalho monográfico de Sebastião Ferreira Duarte Filho – *A construção do Memorial de Serra da Mesa: Memória e Poder* (UEG – Uruaçu, 2006), qual seja, a que relaciona o Memorial com a “memória instrumentalizada” das classes dominantes. O autor apresenta-nos o Memorial Serra da Mesa, especialmente utilizado como um “instrumento” de poder que efetivamente destaca as diferenças sociais e culturais estabelecidas na sociedade. Ressalvamos que não discutimos nessa pesquisa os vários conceitos de poder; restringiremos-nos à aplicação conceitual utilizada pelo autor: poder econômico e político de uma sociedade formando uma classe *elitizada* que conserva seus valores através das instituições. De nossa parte, achamos possível contrastar essa idéia central da pesquisa de Sebastião Ferreira Duarte Filho, com o argumento de que no Memorial não há propriamente nenhuma predominância na representação de uma elite dominante. Conforme nossa pesquisa, o máximo que percebemos como representação de *Poder* foi dentro da cidade cenográfica com relação a representação das primeiras instituições que “organizaram” a cidade de Uruaçu: prefeitura, primeira escola, cadeia pública, primeira igreja, primeiros estabelecimentos comerciais e outros. Esse espaço sim, em específico, promove de forma evidente as organizações burocráticas de poder em uma cidade, entretanto, o poder de uma classe nem sempre corresponde à uma classe dominante; não obstante, sabemos que o Memorial só existe como instituição enquanto resultado do poder de alguns grupos dominantes da região, em especial da cidade de Uruaçu, especialmente aqueles que se representavam na administração da prefeitura quando da elaboração e realização do projeto do memorial.

Procuraremos então apresentar o memorial não apenas como um lugar de poder, mas, sobretudo, reconhecer o Memorial como um grande projeto que está intimamente ligado à historicidade da cidade que o justifica. E ainda: o Memorial Serra da Mesa uma instituição de espaço cultural percebido dentro de um contexto histórico, atendendo prioritariamente as necessidades econômicas de desenvolvimento de turismo e lazer para a cidade de Uruaçu e região do Norte Goiano.

Para demonstrar esses elementos apresentaremos um breve histórico da criação e desenvolvimento da cidade de Uruaçu pautando nossa argumentação com a obra do memorialista Cristovam Francisco de Ávila (2005), especialmente no que se refere à questão da consolidação das infra-estruturas econômicas, relacionadas com a construção da primeira Usina Hidrelétrica – Felusa – (Força e Luz de Uruaçu) – para assim mostrarmos o Memorial Serra da Mesa como um resultado histórico diretamente associado à criação dessas infra-estruturas, como a energia elétrica, para o desenvolvimento de Uruaçu. Apresentaremos a história de uma cidade que se desenvolveu numa região predominantemente agrária e viveu em meio a grandes dificuldades para garantir o seu crescimento auto-sustentado por causa dos enormes atrasos por parte do fornecimento de energia elétrica. A energia elétrica era o passo definitivo para garantir o desenvolvimento da cidade:

(...) um grande melhoramento de Sant’Ana. A energia Elétrica! Não só para maior conforto em nossas casas, pois teremos geladeira, rádio e luz clara; iluminaremos nossas ruas e, também, desenvolveremos a indústria e poderemos ter água canalizada em nossas residências (...), Enfim, são incontáveis os benefícios que daí advirão o progresso de nossa cidade (Ávila, 2005,p.250)

Gradativamente, a cidade de Uruaçu ao consolidar esse aspecto fundamental para o desenvolvimento da economia urbana, ao longo das últimas décadas, essa mesma cidade encontrou na opção do Memorial e do Lago Serra da Mesa uma importante expectativa para se consolidar também como uma cidade turística que garantiria ainda mais esse processo de desenvolvimento econômico.

A seguir faremos uma discussão em torno da organização interna do Memorial como espaço da memória. Destacaremos como um dos pontos fundamentais da mediação institucional da representação da “memória” do cerrado, a visão da coordenadora, Sinvaline Pinheiro, que teve efetiva participação desde a primeira idéia formulada sobre a possível construção do grande projeto do Memorial Serra da Mesa até os dias atuais. Abstrairmos dessa visão institucional a representação daquele espaço de “memória submersa” e a “reconstrução” do passado submerso agregando nele o seu principal efeito: o de ser hoje um pólo de turismo na região de Uruaçu, ou seja, a memória do homem do cerrado, da natureza do cerrado, como uma “viagem” cultural e turística ao passado desaparecido com as águas do Lago. O Memorial Serra da Mesa

como “lugar de memória” ou a história recriada, em um lugar específico (no Memorial) para ser “contada”: história e memória, pensada aqui nos termos de um notável analista, o sociólogo francês, Maurice Halbwachs que faz a seguinte interpretação: “ a memória trabalha com o vivido, enquanto a história trabalha e constrói uma representação dos fatos distantes, ou quando se encerra a possibilidade de encontrar testemunhas daquela lembrança” (Halbwachs, 2004,0.17).

Na descrição que apresentaremos do interior do Memorial discutiremos outro par conceitual que nos parece primordial para traduzir o significado e o sentido da instituição, referimo-nos aos termos “patrimônio cultural material” e “patrimônio cultural imaterial”. História, memória e patrimônio material e imaterial como termos explicativos do sentido e significado da instituição para a cidade e para a região.

- História e Memória Coletiva na modernização de Uruaçu.

Com base em algumas entrevistas feitas com alguns dos antigos moradores da cidade tais como, entre outros, Cândida Martins Adorno (83 anos), Antônio de Freitas (82 anos) e Almerinda Fernandes de Carvalho (78 anos)², observa-se em seus relatos, suas lembranças e memórias, alguns aspectos interessantes sobre a origem da cidade, entre os quais, um fato que seus familiares contavam sobre a região, a saber: antes de qualquer concepção oficial de fundadores, encontravam-se nestas terras algumas famílias de ciganos, e que apesar da vida nômade, estavam há um bom tempo instalados na região. E não se tinha notícias só de ciganos, contam eles, havia também grupos indígenas: “*já depois do tempo do arraial, os índios ainda entravam na cidade e todos tinham receio, eu corria e me escondia quando eles apareciam, tinha medo que me levassem*”; relata Dona Cândida³. Através desses depoimentos, obtivemos informações de que muitos desses ciganos e índios foram mortos por *resistirem* à desocupação dessas terras em que habitavam e das quais se sentiam como seus legítimos “donos”.

Esse fato, para muitos, inusitado, pois não há nenhum registro dos poucos memorialistas que escreveram sobre a história de Uruaçu, faz-nos constatar através da memória oral destes entrevistados a presença da luta e resistência por ocupações de

² Entrevistas orais realizadas em Uruaçu nos meses de abril e maio de 2010.

³ Entrevista (24 de abril de 2010) (grifo nosso).

terras. Lembrando, pelas fontes históricas fartamente registradas, que é um fato que ocorreu em todo o país desde a sua colonização. Desse modo, a ocupação das terras do que é esse município de Uruaçu hoje e posteriormente a estruturação e organização ocorrida em sua história, possivelmente, não fugiu ao resultado de conflitos sociais. Esses relatos traduzem a História da memória popular de algumas pessoas que ainda transmitem as experiências desses e de outros conflitos. Aspectos ausentes na escassa bibliografia existente sobre a história de Uruaçu.

Essa rápida abordagem sobre a memória popular que alguns antigos moradores relatam sobre os primeiros movimentos de ocupação das terras – ou mesmo depois de ocupadas - que hoje correspondem ao município de Uruaçu, não só indicam as marcas da intolerância e possíveis preconceitos contra esses grupos que aparecem nos relatos (índios e ciganos), mas especialmente enfatiza a importância do historiador, diferente do trabalho de um memorialista, frente a riqueza e a facilidade que ainda é encontrada essa memória oral nos antigos moradores dessa cidade.

Cabe, nesse momento, destacar o teórico austríaco, Michel Pollak, que traz em um artigo sobre, “Memória e Esquecimento, Silêncio”⁴, algumas especificidades da memória. Refere-se à memória coletiva, “oficial”, como nacional ou comum, em detrimento das memórias de alguns grupos “subalternos”, tidas como *memórias subterrâneas*, parte integrante da classe minoritária. A perspectiva desse autor elucida o que alguns relatos pouco conhecidos – como exemplo dos três moradores citados – trazem através de suas memórias daquilo que sabiam dos primeiros habitantes da região de Uruaçu. Pollack relata que entre a “memória” e o “esquecimento” há sempre a presença dos que lutam pelo “não-esquecimento”, os que lutam contra o “silêncio” e aqueles que afirmam a sua “memória” como consagração de si.

O historiador, dessa maneira, cumpre um papel fundamental para que aqueles que sempre viveram em “silêncio” possam sair do “esquecimento” da História e afirmar também a sua “memória”. Nas memórias publicadas sobre Uruaçu encontramos apenas a palavra dos “memorialistas” que se autoconsagram com suas memórias; é o caso da historiografia memorialista de Uruaçu feita por Cristovam Francisco de Ávila.

⁴ Pollak, Michel. Memória e esquecimento, silêncio. In Revista *Estudos Históricos*, nº 03, Rio de Janeiro, 1989.

Considerando a história escrita por esse memorialista, Cristovam Francisco de Ávila⁵ (1993), primeiro promotor de justiça da comarca de Uruaçu e membro da grande família fundadora, o processo de desenvolvimento do antigo *Arraial de Santana do Machombombo* – primeiro nome de Uruaçu situado às margens do córrego Machombombo – começou a partir de um grande grupo familiar representado por um líder local, proprietário de muitas terras, o Coronel Gaspar Fernandes de Carvalho.

Cristovam Francisco de Ávila (1993, p. 129), na sua versão dos fatos, que poderiam ter uma referência com os relatos anteriormente citados sobre os primeiros momentos da história da cidade de Uruaçu, restringe-se em seu livro ao seguinte comentário (aspecto que valida a riqueza da história oral frente à história factual, porque com aquela, normalmente conseguimos apreender um sentido de realidade mais contundente): “Com o *afastamento dos temíveis Canoeiros*, tangidos pelo progresso para regiões mais afastadas, novos habitantes vieram para essas terras e cuidaram da criação de gado e agricultura” (*grifos nossos*).

O que era a *expressão de medo* ou conflito para alguns, no livro de Ávila (1993), é apenas um detalhe lateral. Na citação acima da obra de Ávila, a resistência dos índios deixa de ser considerada, a palavra, “afastamento”, completa sua informação sobre esse episódio.

Implica ressaltar que não se trata de uma questão de menor importância, porque até mesmo diante dos projetos em torno da construção da Hidrelétrica de Serra da Mesa, a questão indígena apresentou-se sempre como um “problema” estrutural, no caso, quando especificamente se fazia referência aos problemas da inundação de mais de três mil hectares da reserva dos Avá-Canoeiros (o que corresponderia a mais de 10% da área total da reserva). Algumas opiniões distintas publicadas sobre esse episódio como de, Nilder Costa⁶, dizem: “mas aqui somos de opinião que um impedimento de uso dessa região para efeitos de funcionamento da Hidrelétrica seria um retrocesso econômico para região.” Na opinião de Duarte Filho (2006), a construção do Lago Serra da Mesa destruiu importantes sítios arqueológicos que além de registrar a presença indígena das

⁵ Ávila, Cristovam Francisco de. *A família Fernandes e a fundação de Uruaçu. Reminiscências*. Goiânia: Edição do Autor, 2005.

⁶ Costa, Nilder. Indigenismo ameaça construção da hidrelétrica Serra da Mesa. In *Jornal Alerta Científico e Ambiental*, 21 de novembro de 1997 – www.alerta.inf.br/Energia/1130.html (consultado em 29 de maio de 2010).

populações locais, alguns outros eram também sítios de mineração, que contavam a parte da história da expansão dos bandeirantes⁷, e afirma mais:

uma riqueza arqueológica a qual poderia possibilitar uma releitura das empreitadas dos bandeirantes neste território goiano acabou sendo relegado à morte por consequência de interesses econômicos. Por mais que Furnas tente reconstruir este patrimônio histórico, jamais conseguirá fazê-lo em sua íntegra (Duarte Filho, 2006, p. 34)

Não é possível e seria ingenuidade acreditar, em manutenção integral de riquezas arqueológicas diante de uma expansão de infraestruturas fundamentais para o crescimento econômico do estado de Goiás. Pode então parecer-nos ambígua a perspectiva de, Duarte Filho, frente ao papel que o projeto do Memorial Serra da Mesa – um suposto “guardião” dessa história que foi submersa em função da Hidrelétrica – haveria de representar quando nos diz que esse espaço memorialístico é uma autoafirmação da classe dominante, “classe elitizada” (p. 34), mas que desse mesmo Memorial poderiam aparecer discursos críticos, porque na verdade “essa é a proposta do memorial” (p. 34).

Contudo, Duarte Filho, anexa um documento em sua monografia – o projeto de criação do memorial – que logo na página 03 do mesmo, encontra-se a afirmação de que resgatar essa criticidade sobre o lugar seria um dos fundamentos do próprio memorial. Portanto, o autor, ao aceitar essa perspectiva do documento acaba por contradizer o fundamento do seu próprio argumento: o memorial como lugar de representação da classe dominante. Ou seja, se o sentido do projeto era o de apresentar essa crítica, então, definir simplesmente o Memorial como um lugar de Poder é não aceitar como perspectiva a própria possibilidade de existência dessa crítica.

Observar o Memorial Serra da Mesa apenas como um lugar de discurso e memória das classes dominantes é restringir um complexo daquele porte de sua totalidade histórica. O seu contexto histórico, subjacente, indica-nos que, sobretudo essa estrutura enorme e atraente é um empreendimento de infraestrutura econômica dentro de um processo de expansão econômica na região, processo inaugurado pelo governo federal na década de 1940. Desse modo, o Memorial Serra da Mesa não se restringe a

⁷ Duarte Filho, 2006, p. 34.

um lugar de Poder ou de crítica; é nesse processo histórico regional, antes de tudo, um grande investimento da “indústria cultural” para a região tendo o turismo como principal característica econômica.

- A memória histórica e o processo de modernização da cidade de Uruaçu

Como vimos anteriormente, a partir dos depoimentos dos moradores mais antigos da cidade de Uruaçu, percebemos que nessa *memória* individual pudemos constatar o que argumenta Maurice Halbwachs (2004), de que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, pois todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo, através das trocas coletivas. A disposição de Halbwachs acerca da memória individual refere-se à existência de uma “intuição sensível”.

Haveria então, na base de toda lembrança, o chamado a um estado de consciência puramente individual – que para distingui-lo das percepções onde entram elementos do pensamento social – admitiremos que se chame de intuição sensível (HALBWACHS, 2004: p.41).

Para Halbwachs a memória apóia-se sobre um passado vivo, o qual permite uma constituição de uma narrativa sobre o passado do sujeito de forma viva e natural, mais do que o passado “apreendido na história escrita” (2004: p. 75). Memória e História, conforme Halbwachs tratam do mesmo objeto, fatos passados, e o fazem de forma diferente: a memória não segue um método, regras, ela se reconstitui cada vez que se rememora o fato. A História se faz sobre um método (entre a discussão das fontes), com um questionamento das fontes sejam elas escritas ou orais. Contudo embora memória e história caminhem juntas não devem ser confundidas considerando essas particularidades

Ouvir algumas pessoas narrando histórias de cotidianos que não estão sistematicamente registrados e/ou escritos, considerando também todos aqueles grupos minoritários que *sofreram* e *sofrem* a história, remete-nos do mesmo modo a perspectiva historiográfica do estudo da microhistória, que traz como um de seus pioneiros o antropólogo e historiador italiano Carlo Ginzburg, atento especialista das atitudes e crenças religiosas do início da era moderna; entre outras obras, publicou em 1976 *O Queijo e os Vermes* – uma primorosa obra que deixa-nos a lição dos milhares de

“Domenicos Scandellas” (o “simples” oleiro que protagoniza a obra), existentes em toda e qualquer história.

Nesse sentido, é que se pode perceber que a história é construída, sobretudo com o suor daqueles que, mormente não são lembrados ou apresentados formalmente por essa “história”. Dessas referências destacamos: os negros, os índios, os ciganos, os oleiros, as lavadeiras – que batiam as roupas das famílias abastadas da cidade de Uruaçu nas pedras do córrego machombombo – os peões das fazendas, os trabalhadores das roças (...).

Numa alusão ao que estamos habituados a conceber a partir da perspectiva da macro-história e não da história dos grupos minoritários, na história de Uruaçu, revela-se desse modo, como *pioneiros e/ ou desbravadores*, a figura do “branco” – o Coronel Gaspar Fernandes de Carvalho- como o legítimo fundador da história dessa cidade. História então, que começa oficialmente, a partir desse fato, há quase um século de existência.

A história da cidade de Uruaçu, conforme Ávila (2005) começa por volta de 1910 quando o Coronel Gaspar Fernandes de Carvalho, vindo de São José do Tocantins (atual Niquelândia), comprou da família Mendes a extensa área da fazenda Machombombo. Coronel Gaspar, tinha como firme objetivo construir uma cidade que pudesse rivalizar com São José do Tocantins, de onde saíra, segundo o autor, por divergências políticas. Santana (o primeiro nome de Uruaçu) nascia em um momento marcado pelo embate entre o poder dos presidentes republicanos e o das grandes oligarquias. O Coronel Gaspar Fernandes de Carvalho instalou-se nessas terras com sua numerosa família e agregados sob a égide dessas oligarquias cuja representação emblemática era a própria figura do Coronel. Vivia-se sobre o signo do Coronelismo e foi com a autoridade que a patente de Coronel da Guarda Nacional lhe conferia que Cel. Gaspar, fundou oficialmente a cidade de Uruaçu. Na compreensão de Ávila (1993) o desenvolvimento estrutural local de poder e a organização político-administrativa feita pelo Cel. Gaspar consolidavam-se no então Arraial de Santana e através desta organização finalmente ele pode ser ouvido pelas instâncias superiores do Estado.

A criação do município de Uruaçu, segundo o mesmo autor, deve-se principalmente ao desempenho e prestígio do Coronel Gaspar junto ao interventor, Pedro Ludovico Teixeira, que à importância da Vila de Santana no contexto político-

econômico de Goiás na época. E conforme documentos indicados por Ávila, os únicos distritos que eram mencionados no recenseamento geral de 1920 eram aqueles que constituíam o então Município de Pilar: Crixás, Amaro Leite, Descoberto (esse último atual Porangatu). Entretanto, quatro anos mais tarde (1924), com a criação do Distrito de Santana o caminho estava aberto para, em 04 de julho de 1931, se emancipar.

Do contexto histórico dessa recém cidade emancipada, destacam-se a seguir, alguns dados gerais, que justificam o fato de relacionarmos o Memorial Serra da Mesa diretamente ao desenvolvimento econômico da cidade, enfatizando nesses dados, o projeto de âmbito federal de desenvolvimento hidrelétrico que trouxe para região a Usina Hidrelétrica Serra da Mesa.

O processo econômico no atual norte – goiano, nas primeiras décadas do século XX, esteve na sua quase integralidade vinculado à ação do Estado, do poder público federal. A região que envolve várias cidades, inclusive Uruaçu, teve com o projeto de colonização da CANG (Colônia Agrícola Nacional de Goiás) a sua maior expressão econômica (pela oferta gratuita de terras) e a cidade que melhor representou o pólo da CANG, Ceres tinha em 1950 expressivos 29.522 habitantes⁸, no mesmo período, a média populacional para a região do médio e norte goiano era de 5 habitantes por km².⁹ Conforme o estudo de Estevam (1998) sabemos que o estado de Goiás registrava em 1920 a presença de apenas 01 trator e em 1940 ainda eram apenas 13 tratores (Estevam: 1998, p. 117). Para um estado agrário tais dados comprovam o grande atraso em aspectos elementares da própria atividade agrária. O governo federal foi o grande incentivador da modernização de Goiás e ressaltando investimentos em dois aspectos centrais: a construção da rodovia Belém-Brasília, que até a década de 1950 tinha seu trajeto apenas até o Rio Araguaia, no norte Goiano¹⁰ e a construção das Centrais hidrelétricas, além das propostas de colonização com programas como o da CANG¹¹.

⁸ Para melhor verificarmos como esse dado populacional era expressivo nessa cidade e região é só nos lembrarmos que segundo os dados do IBGE de 2000, a população de Uruaçu estava em torno de 33 mil habitantes.

⁹ Estevam, Luis. *O tempo da transformação. Estrutura e dinâmica da formação econômica de Goiás*. Goiânia: Edição do Autor, 1998, p. 267.

¹⁰ Estevam, 1998, p. 125.

¹¹ Estevam, p. 127, o autor afirma categoricamente que o “impacto da rodovia foi violento” pela modernização que trouxe (p. 130).

Sobrinho (1993) também afirma que Uruaçu definiu-se como cidade apenas com a chegada da BR - 153¹².

A questão central da energia elétrica emergia nesse contexto como uma necessidade fundamental para consolidação da modernização para o estado. Em Uruaçu, essa questão teve uma história de proporções épicas que envolveu a iniciativa da própria população local. Essa é a história de construção da FELUSA (Força e Luz de Uruaçu S/A) nos anos de 1950 e 1954, como descreveremos a seguir.

- A criação da FELUSA (1950 – 1970)

O principal documento de reconstrução histórica da FELUSA, inclusive por sua pessoal participação, é o livro de Ávila (2005).

Em 1950, Uruaçu ainda não tinha energia elétrica, a cidade crescia economicamente, mas todos os investimentos que o comércio poderia ter para sua própria melhora estavam impedidos por essa questão fundamental: a falta de energia elétrica. Ávila (2005) descreve-nos em detalhes o modo como esse problema foi sanado provisoriamente pela própria população uruaçuense, e como nos referimos, o próprio autor foi um dos principais personagens no processo.

Diante do grave problema que paralisava toda a economia da cidade, um grupo de moradores, tendo em Cristovão de Ávila, um dos seus principais líderes, resolveu-se por uma solução criativa: montar uma empresa de energia para a cidade com base numa sociedade anônima organizada por cotas individuais, praticamente familiares, isto é, um problema estrutural ainda sendo resolvido não pelo poder público, mas pelos próprios moradores. O projeto da empresa organizou-se com a construção da Usina Força e Luz de Uruaçu S/A – a famosa FELUSA que foi construída no Rio Passa Três a 16 km de Uruaçu. Entre a organização dos valores das cotas de cada sócio da nova empresa, a efetivação do negócio e a construção da Usina passaram-se quatro anos. A FELUSA foi então inaugurada em 25 de julho de 1954.

Em seu livro, Cristovam Francisco de Ávila, descreve-nos o impacto dessa inauguração para toda a cidade. A solenidade de inauguração aconteceu num salão que

¹² Sobrinho, 1993, p. 18. Este autor descreve-nos muito bem como o “atraso” da cidade de Uruaçu era estrutural: “O animal de tração e de montaria constituía o elemento básico de locomoção e comunicação. Centenas de jegues, cavalos, burros, éguas e bois pastavam pelas ruas da cidade, transportando pessoas e produtos agrícolas” (p. 16).

naquela altura estava sendo construído para ser o cinema da cidade (Ávila, 2005, p. 255).

O salão ficou repleto e grande parte da rua Niquelândia foi tomada por populares (...). Diversos oradores fizeram uso da palavra. Eu falei em nome da empresa. Às 19 horas, a cidade foi tomada por onda de alegria e otimismo, um uníssono ‘oh’... maravilhoso! Automaticamente expresso pelo público quando a luz elétrica surgiu iluminando tudo! (Ávila, 2005, p. 255).

Mas o investimento dos moradores que levou quatro anos para ser realizado com a Usina de 100 HPs de potência, já em 1954, era insuficiente para atender toda a demanda comercial e empresarial da cidade, desse modo, o problema da energia em Uruaçu tornou-se o seu principal entrave de infra-estrutura. Apenas em meados da década de 1960 é que outras soluções foram adotadas para suprir o que a FELUSA já não conseguia suprir quando foi inaugurada.

No seu livro Ávila (2005) conta-nos que o presidente João Goulart intercedeu a favor da solução dos problemas de energia elétrica de Uruaçu quando passava com alguma frequência alguns dias numa fazenda de sua propriedade próxima a Uruaçu. Num acordo com o prefeito da cidade, o presidente prometeu a solução do problema e assim foi feito, ao menos na descrição que nos passa Francisco de Ávila, porque há detalhes desse episódio que contrastamos com uma outra fonte, como veremos a seguir.

Conforme Ávila (2005), João Goulart intercedeu a favor de Uruaçu quando liberou através do Ministério de Minas e Energia a quantia de trinta milhões de cruzeiros. Essa soma se fazia necessária porque a CELG, que tinha sido contatada anteriormente (1962) para o encampamento da FELUSA e para que fosse ela a empresa pública responsável pela energia de Uruaçu se recusara a fazê-lo por dizer-se falida e sem quaisquer condições de investimento num projeto dessa monta.

Dos trinta milhões cedidos pelo Ministério à cidade de Uruaçu, os antigos proprietários da FELUSA, os acionistas que a fundaram dividiram entre si o montante de quatro milhões e os 26 milhões restantes foram repassados à CELG para que esta empresa pública do governo estadual de Goiás pudesse então resolver o problema da energia elétrica de Uruaçu. Essa é a descrição que nos apresenta Ávila (2005, p. 256 – 260). O dinheiro do governo federal foi liberado ainda com João Goulart na presidência (1963). Segundo Ávila, a CELG finalmente encampou a FELUSA (graças aos 26

milhões do governo federal) e em 1966 instalou em Uruaçu dois geradores de 400 HPs de potência, a cidade então, depois de 12 anos de inauguração da FELUSA e seus 100 HPs de potência tinha agora 800 HPs de potência para a produção de energia elétrica, que logo se perceberam, mais uma vez, insuficientes para acompanhar o crescimento e as demandas econômicas da cidade.

Com Cristovão Francisco de Ávila, como prefeito de Uruaçu em 1970, depois de dificultosa negociação com o governo do estado na gestão de Otávio Lage, é que Uruaçu passou a receber energia elétrica diretamente controlada pela CELG através da Usina Hidrelétrica de Cachoeira Dourada.

Cabe agora uma ressalva sobre este processo que descrevemos com recorrência às memórias de Ávila (2005).

O jornalista Ezeilson Fernandes de Sá¹³ escreve uma história desse processo um pouco diferente da que é narrada por Ávila. Afirma-nos que em 1963, o Presidente João Goulart doara para Uruaçu dois geradores de energia a diesel de propriedade da empresa NOVACAP (empresa que tinha sido responsável pela construção e organização urbana na construção de Brasília) (Sá, 2005, p. 19). Se considerarmos como válida essa informação do autor Ezeilson Fernandes, o resultado do que argumentávamos anteriormente fica-nos ainda mais surpreendente com relação à demora para que se pudesse dar solução institucional estatal ao problema da energia elétrica de Uruaçu, pois, se a CELG apenas em 1970 é que encampara a FELUSA com a ligação da energia à Hidrelétrica de Cachoeira Dourada e se os dois geradores (que também foram citados por Ávila – mas com a data de 1966 (Sá fala-nos que os mesmos chegaram em 1963).

Observados esses contrastes ao consultarmos as referências bibliográficas que tivemos acesso, ressalvamos que independentemente de qual a veracidade do fato, o que importa destacar nessa pesquisa é que a questão dos investimentos em energia elétrica foi de fundamental importância para entendermos a História do desenvolvimento de Uruaçu e desse processo, os aspectos mais gerais a que esteve envolvido o projeto do Memorial da Serra da Mesa.

¹³ Sá, Ezeilson Fernandes de. *Uruaçu e a sua História 1909 – 2005*. Goiânia: Kelps, 2005.

- A Usina Hidrelétrica Serra da Mesa e a construção do Memorial

A Usina Serra da Mesa foi construída no Rio Tocantins, próximo à cidade de Minaçu e empregou no seu processo (construção subterrânea que seguiu o modelo de construção canadense de usinas em cavernas) cerca de quatro mil trabalhadores¹⁴. Minaçu antes da Usina não tinha energia elétrica (1998) e dez anos depois, em 2008 eram quase 500 estabelecimentos comerciais pequenos, médios e grandes em amplo funcionamento (Nascimento, 2008, p. 25). Para o funcionamento da Hidrelétrica, o Lago Serra da Mesa teve que abranger uma área de alagamento de 1784 km² com um volume de água de 54,40 km³, tornando-se assim o quarto maior lago do Brasil em volume de água¹⁵.

No Plano de Diretrizes do Instituto Qualitas de Goiânia foram elaboradas diretrizes gerais para os planos diretores municipais das cidades do entorno do Lago Serra da Mesa e grande parte da argumentação técnica do documento define o uso turístico – cultural do Lago como um aspecto econômico fundamental. Para Uruaçu, e a sua posição geográfica que o ajudou ao longo de sua história, tanto pela BR 153, como também por ser uma cidade que se articula facilmente com a capital federal e a capital do Estado, mais uma vez o beneficiou, pois agora é a única cidade que seu perímetro urbano se estende até às margens do Lago Serra da Mesa, o que faz dela um sítio ideal para a atividade que mais cresce no mundo: o turismo. Desse modo, a indústria do turismo, que tem o lago Serra da Mesa como principal atrativo e motivação, encontra também na construção de um Memorial a possibilidade de harmonizar a questão cultural como uma atividade econômica para a região. E foi diante dessa caracterização que percebemos a hipótese, portanto, de compreender o Memorial como um elemento da mesma natureza, o Memorial como um espaço de turismo.

Atualmente grande parte da população da cidade de Uruaçu usufrui com muita regularidade as instalações do Lago da Praia Generosa (que fica na estrada GO – 237 Uruaçu – Niquelândia)¹⁶. Conforme o documento do Instituto Qualitas, esse haveria de

¹⁴ Nascimento, Renata. Dez anos de operação de Serra da Mesa. In *Revista Furnas*, n. 357, ano 34, Rio de Janeiro, outubro de 2008, p. 22 – 25.

¹⁵ INSTITUTO QUALITAS (ONG) – Plano de Diretrizes de Planejamento da Região Lindeira, Entorno e de influência do Lago de Serra da Mesa (41 páginas). Goiânia, 2007, p. 20.

¹⁶ Jornal Cidade (Uruaçu) – www.jotacidade.com

ser um dos aspectos mais importantes do Lago, agregar a si a atividade econômica do Turismo e do Lazer, e como o Memorial Serra da Mesa foi construído diante da Praia Generosa, temos então como mais essa hipótese o termo de que o mesmo foi organizado para ser, além de um lugar de memória, um espaço turístico econômico fundamental que acompanha intimamente o desenvolvimento da cidade e região por estar do mesmo modo associado ao progresso da energia elétrica como um programa de infra-estrutura básica da cidade e região.

Da FELUSA ao Lago e deste à Usina Serra da Mesa encontramos um gradativo processo histórico que consolidou economicamente o norte goiano no cenário global de Goiás e dentro desse processo histórico o Memorial aparece-nos como uma instituição que simboliza essa História da região. Assim como o Memorial se consolida como um projeto cultural sobre memória coletiva e a história desse cerrado submerso, ele do mesmo modo se definiu enquanto projeto de espaço econômico turístico de incomensurável valor para a região.

Em suma, apresentamos como a existência do Memorial está intimamente associada à História de desenvolvimento e a modernização econômica de Uruaçu e região e mais, apontamos a perspectiva de entendermos esse local não apenas como um espaço de patrimônio cultural guardião de memória ou de celebração da memória coletiva das elites de Uruaçu e região, mas também – embasados na documentação que foi produzida para auxiliar na reorganização econômica da região e do próprio projeto do Memorial – que o Memorial foi concebido como um ponto importante para a economia da região graças ao seu caráter de atração turística.